

XXIV Semana de Planejamento Urbano e Regional - 2018
8 a 11 de Outubro de 2018

A noção panorâmica de distanciamento e aproximação: traçando um modelo de absorção dos espaços

Janaína Hermínio Gonçalves
PPGECC/FEBF/UERJ
E-mail: jana_hg1976@hotmail.com

Duque de Caxias

2018

Resumo

O objetivo deste artigo consiste em realizar uma breve análise da relevância das percepções existentes no meio social nas grandes metrópoles, ao observar as peculiaridades do cotidiano, buscando possibilidades de expor as potencialidades de esgotamento dos cenários urbanos contemporâneos por meio da tentativa de descrição do olhar nos planos de distanciamento e aproximação em relação ao contexto das cidades e seus interlocutores, por intermédio das construções sociais contrárias ao sistema hegemônico atual.

A vida em sociedade é descrita tendo por base dois planos gerais de observação do cotidiano nas metrópoles e os desdobramentos verificados entre seus atores: o olhar chamado panorâmico ou distanciado, que nos traz visões utópicas e práticas com relação às cidades e o olhar próximo ou oblíquo, baseado nas vivências do dia-a-dia.

Palavras-chave: observação, cidade, cotidiano social.

Abstract

The purpose of this article is to carry out a brief analysis of the relevance of existing perceptions in the social environment in the major metropolises, observing the peculiarities of everyday life, seeking possibilities to expose the potentials of depletion of contemporary urban scenarios by attempting to describe the look in the distanced approximation plans in relation to the context of the cities and their interlocutors, through the social constructions contrary to the current hegemonic system.

The life in society is described based on two general plans of observation of the everyday in the metropolises and the unfoldings verified among its actors: the look called panoramic or distances, which brings us utopian visions and practices with respect to the cities and the close or oblique look, based on everyday life experiences.

Key words: observation, city, social daily life.

Introdução

Os textos selecionados tratam das experiências dos indivíduos em sociedade e suas percepções acerca do espaço onde transitam e interagem mutuamente, criando com isso o modelo de observação multifocal, que no decorrer do último século foi aperfeiçoado por meio das constantes análises dos diversos âmbitos compreendidos nos contextos visíveis de atuação e intervenção dos sujeitos, em relação à convivência com o outro. A vida em sociedade é descrita tendo por base dois planos gerais de observação do cotidiano nas metrópoles e os desdobramentos verificados entre seus atores: o olhar chamado panorâmico ou distanciado, que nos traz visões utópicas e práticas com relação às cidades e o olhar próximo ou oblíquo, baseado nas vivências do dia-a-dia.

O ponto de estudo panorâmico nos remete a dois modelos principais de idealização da comunidade, estando em primeiro lugar na escala temporal, o modelo de cidade-indústria ou cidade-empresa idealizado no século XIX, no qual as sociedades são apresentadas de forma polida, organizada e orientada, com centralização de autoridades e desenvolvimento contínuo, derivado principalmente da atividade econômica; por outro lado também é formulado um modelo mais condizente com a situação na atualidade dos processos sociais observados nas diferentes metrópoles do globo, o esquema que traduz a existência das chamadas cidades-rede ou programadas, as quais estariam conectadas umas às outras em âmbito internacional e trocariam experiências e benefícios (ainda que apenas por motivos de cunho econômico, visando o lucro), sendo esta interligação derivada do processo de mundialização verificado entre as estruturas de sustentação das megacidades no cenário contemporâneo.

O olhar considerado próximo ou oblíquo, apresenta a figura do estrangeiro como tema central do estudo das relações entre os indivíduos no cotidiano das cidades atuais, as quais se caracterizariam devido à junção de diferentes povos postos em convívio em um mesmo local, cada um com sua determinada identidade cultural, formando um verdadeiro aglomerado de etnias e formas de interpretação da realidade, estando marcada esta interação por constantes conflitos.

Também realiza uma reflexão acerca da influência da arte fotográfica enquanto instrumento de representação dos espaços urbanos das diferentes metrópoles, verificada desde o século XIX, contribuindo para a criação de uma ‘mentalidade fotográfica’, que estaria associada à mentalidade de pensamento urbano dos indivíduos constituintes de qualquer sociedade moderna fundamentada nos moldes capitalistas, agindo como meio de preservação do histórico cotidiano das cidades e atividades exercidas pelos diversos grupos sociais que as compuseram ao longo do tempo, e que conseqüentemente agiram de modo decisivo para a formação de sua estrutura.

A prática da observação do cotidiano e as reflexões a partir das análises sobre as contradições existentes relacionadas à construção da ideia de cidade num ângulo verticalizado, que é perceptível por intermédio dos transeuntes, causa uma modificação no significado das memórias associativas dos sujeitos em relação às suas formas de interpretação das imagens presentes no meio, gerando uma percepção mais apurada dos abismos que configuram o imaginário coletivo a respeito do mundo que os cerca.

Em grande medida, a visão do narrador, no caso o estudioso que desempenha um papel de etnógrafo no intuito de tentar esgotar os termos que descrevem a regularidade dos processos de cunho social, assume uma posição de absorção dos valores e padrões comportamentais ordinários e repetitivos, que desenham a essência do deslocamento dos indivíduos e dos acontecimentos, dos fatos mais imperceptíveis da vida cotidiana, visando criar um quadro de registro que possa ser usado como parâmetro futuro de relativização do processo de desenvolvimento humano em sociedade.

A noção panorâmica de distanciamento e aproximação: traçando um modelo de absorção dos espaços

Guy Bellavance nos traz a representação do ambiente social urbano sob dois aspectos distintos de observação, mas que ao mesmo tempo, demonstram relações de interdependência com relação à análise sociológica da interação entre os indivíduos em uma dimensão espacial mais ou menos ampla. O primeiro plano abordado pelo autor, chamado panorâmico, realiza um estudo que evidencia um certo distanciamento no que se refere aos atores sociais, apresentando o modelo utópico de cidade, como as representações das grandes metrópoles do período de desenvolvimento do capitalismo, como cidades-indústria ou cidades-empresa, surgidas no século XIX e que demonstravam possuir grande centralização de poder e organização. Existem também representações da cidade como sendo uma espécie de rede ou sistema programado, que tem certa autonomia em relação aos indivíduos e suas experiências vividas nesse meio, mas que também exercem sua influência no cotidiano de seus habitantes.

Por se encontrarem a certa distância, do ponto de vista analítico, essas representações apresentam difícil leitura, descrevendo realidades quase sempre contraditórias. Desse modo, veremos a tradição positiva que apresenta a cidade como um local de progresso, desenvolvimento, ordem, civilizado, que prioriza o aumento das relações sociais de convivência entre os indivíduos, mas também teremos contato com uma visão de cunho negativo, com a cidade simbolizando um ambiente de desordem, caos, anormalidade, alienação, falsidade e da destruição de todos os elos sociais. Há ainda a representação da cidade como um local da uniformização de todos os comportamentos, da perda da individualidade e ao mesmo tempo do individualismo, do isolacionismo, estando estas posições adversas sustentadas pelos mesmos indivíduos, sem estes se darem conta, sendo ambas parte de uma mesma experiência coletiva acerca do que se enquadre enquanto modelo representativo de cidade. O segundo plano estudado pelo autor, chamado oblíquo ou imergente, trata da experiência dos indivíduos no ambiente urbano vivida imediatamente no próprio local, não sendo propriamente uma tentativa de representação.

Nele, somos inseridos na vida cotidiana, redirecionados dentro do ambiente urbano, transitando entre seus vários pontos, como um andarilho, alguém que vagueia sem rumo determinado dentro do âmbito social. Segundo Bellavance, trata-se inclusive de um modo de análise da realidade social intimamente ligado a arte da fotografia, revelando profunda afinidade entre esta e a cidade, contribuindo para a formação de uma identidade urbana que está relacionada a uma maneira de ser das pessoas dentro de um espaço social determinado. Esta identidade não chega a ser uma cultura, mas antes pode ser denominada como uma ‘‘mentalidade’’, utilizando-nos do termo de Georg Simmel. Não existem atualmente nas cidades, ao menos não de forma expressiva, elos ancestrais ou mesmo constituídos ao redor de uma extensão territorial que possam agrupar e manter um tipo de cultura comum. Ao contrário, as cidades na atualidade trazem em si cada vez mais a experiência do convívio de vários povos estrangeiros em um mesmo lugar, o que faz com que a forma heterogênea de suas populações seja sem dúvida o critério de reconhecimento da cidade moderna, o que representa a identidade contemporânea das cidades. Como diria Simmel:

a pessoa chegada hoje e que ficará amanhã, o viajante potencial,
de alguma maneira: mesmo não tendo prosseguido seu caminho,
ele não abandonou totalmente a liberdade de ir e vir.
Ele está ligado a um grupo espacialmente determinado
ou a um grupo cujos limites evocam limites espaciais,
mas sua posição no grupo é essencialmente determinada pelo
fato de que ele não faz parte deste grupo desde o início,
que ele introduziu aí características que não
lhe são próprias e não podem sê-lo. (Simmel, 1984, p. 53)

Este elemento desagregador leva a convivência mais ou menos pacífica entre essas populações, estando a figura do estrangeiro representada em suas mais variadas formas: migrante, vendedor de rua, turista, etc., e encontrando-se no centro desta forma de representação social, que não mais prega a alienação dos pares mas a situação de exotismo próximo e da descoberta de nossa condição de também estrangeiros. Embora tomados sob análise por um mesmo olhar estes dois pontos talvez nunca possam ser conciliados, devido à eterna tensão existente entre as dimensões local e indígena da cidade, e suas dimensões cosmopolitas.

A experiência das pessoas dentro da estrutura das cidades, as relações compartilhadas entre elas no meio urbano, remontam a pelo menos cinco milênios e o autor relata a existência de duas correntes de pensamento, apoiadas por mitificações acerca do estrato social e do que ele acarretaria ao modelo estrutural de cidade dominante desde o século XIX. De um lado, nos depararíamos com a tese que evoca o desaparecimento das cidades, espécie de apocalipse cultural, desencadeado por seu próprio desenvolvimento e dos laços de convivência, marcados por um crescente individualismo e falta de pensamento voltado à comunidade. No outro extremo, há o mito da “primeira cidade”, que reflete a necessidade dos estudiosos, em especial arqueólogos e historiadores, em delimitar o momento no tempo no qual os agrupamentos humanos se diferenciaram do modelo de aldeia, de uma sociedade primitiva, para se constituírem em aglomerados sociais com funções organizadas. Segundo ele, esta diferenciação se encontra no cerne de nossa definição tradicional do que seja uma cidade e que sua supressão, em graus mais ou menos elevados, contribuiria para a queda do conceito de cidade.

Nos dias de hoje, toda a análise ao redor da teoria da crise do modelo de cidade, gira em torno da dificuldade em realizar a separação, a definição entre as cidades e o campo, marcado por outro modo de organização e que serve de base de sustentação a todo esse sistema. Os crescentes fenômenos de expansão do meio urbano, o despovoamento dos grandes centros, o desenvolvimento dos subúrbios e a industrialização de locais destinados às áreas agrícolas, ao mesmo tempo em que sugerem uma ampliação do modelo urbano característico da revolução industrial capitalista, também corroboram uma desestruturação do conceito atual de cidade, na medida em que não existem delimitações acerca da área de atuação do meio urbano, as antigas muralhas ou distâncias que separavam este espaço do próximo agrupamento humano.

A tendência contemporânea de urbanização do mundo contribui para a transferência de um modelo clássico de idealização social acerca das cidades, no qual estas se apresentam de forma organizada, com seus eixos de poder bem delimitados e centralizados, estando apoiados na fundamentação do setor econômico, para um outro chamado sistema das cidades-rede ou programadas, no qual existem “bugs”, partes de sua estrutura (humana e organizacional) que ainda necessitam de ajustes e correções para que funcionem adequadamente.

Este sistema de representação das esferas social e urbana, descreve a relação de interconexão existente entre múltiplas metrópoles em todo o globo, por meio de vários fatores de ordem financeira, administrativa, cultural, de domínio do conhecimento e em relação à troca de valores e experiências de convívio, realizadas no meio social, na maioria das vezes tendo em vista o contato entre sociedades formadas por povos bastante heterogêneos no que se refere às etnias, formas de pensamento e de interpretação da realidade, enfim, de suas visões de mundo.

A partir da distinção destes dois pontos de estudo relacionados ao traçado das ações dos atores sociais (indivíduos), com a representação do eixo de análise do plano cotidiano sob os olhares oblíquo (que remete a uma observação próxima do sujeito, baseada em suas experiências) e do plano panorâmico (distante, focado em uma idealização de ‘cidade-mundo’), o conceito de cidade no contexto da modernidade revela um local de constantes conflitos, onde as pessoas que integram o quadro de habitantes ativos das diversas metrópoles do globo são levadas a se movimentarem dentro da cena urbana, tomando o devido cuidado para evitar entrar em conflito com os costumes, modos de pensar e aspirações do outro, que quase em todos os casos, encontra-se em um grupo que apresenta interesses antagônicos, no que se refere ao seus modos de interagir sobre a realidade de seu ambiente social.

Em um sentido, o espaço das cidades se apresenta como um embate entre vários grupos estrangeiros que convivem em um mesmo local, de outro, como um confronto entre os sistemas das muitas cidades-rede, todos querendo conquistar uma maior área de atuação, inclusive econômica, mas que ao mesmo tempo se encontram interdependentes entre si, necessitando cooperar para garantir sua sobrevivência enquanto agrupamento humano organizado. Não é possível reviver o modelo de cidade do passado, no qual estas cresciam ao redor de um local de poder centralizador, formando um elo de ligação, de identidade cultural entre seus habitantes, estando a estrutura das cidades destinada a uma individualização (tanto na esfera individual, quanto nas esferas públicas), ao mesmo tempo em que se interconectam cada vez mais, por conta de múltiplos interesses.

Visões polissêmicas das interpretações das imagens cotidianas do espaço urbano

Sob a ótica de observação do historiador e filósofo francês Michel de Certeau (1925-1986), em sua obra *A invenção do cotidiano* (1994 [1980]), quando em um momento de reflexão após olhar do alto de um edifício em Nova York, acerca das disparidades presentes junto às percepções do sentido de cidade em um ângulo de distanciamento do espaço urbano, notou que essa análise realizada de um plano superior de apreensão oferece a possibilidade da criação de múltiplas interpretações do panorama atual das cidades, desenvolvidas com base na ótica de cada indivíduo, o que contribui para o estabelecimento de uma visão de mundo estática, preservando o contexto social corrente das metrópoles no imaginário coletivo. Em oposição a essa visão, o autor nos coloca em um declive que nos impulsiona à um olhar mais próximo à rua, às vivências dos inúmeros integrantes deste cenário em constante expansão, nos conduzindo a um direcionamento de olhar mais plano e horizontal, trazendo um envolvimento do corpo junto à uma multiplicidade de sons discrepantes, que estão inseridos nos contextos urbanos. Isso traz uma percepção distinta da cidade, não mais apoiada apenas nas teorias habitacionais dos técnicos e estudiosos do âmbito urbanístico, mas também nos depoimentos dados pelos cidadãos, que por meio de seus deslocamentos enquanto observadores no meio urbano tomam parte no sistema, antes representado de forma fixa.

Por meio desse novo esboço, os indivíduos relacionam suas lembranças à delimitação criada por seus movimentos, que agregam experiências passadas, trazendo uma noção de tempo. Dessa forma, esse itinerário traz uma ressignificação do sentido a respeito das transformações dos espaços realizados pelos especialistas: gestores públicos, arquitetos e urbanistas, que a partir de sua prática modificam os signos espaciais em novos modelos. As duas comparações de Certeau acerca dos modos de percepção e produção dos espaços de convivência social das cidades, criam uma relação que compreende o aspecto de territorialidade desses meios, conectando-o a uma forma de poder de cunho centralizador. Em contrapartida, a análise próxima do panorama urbano, feita pelo observador pedestre, constitui-se em pequenos focos de resistência às regras impostas pela ordem dominante, representada pelo Estado. Dessa maneira, a “prática do caminhar”, que representa o olhar anônimo da população em geral, auxilia na diversificação e na integração dos diferentes sistemas nos espaços de uma metrópole, através da utilização de sua criatividade relativa aos processos de aprimoramento do convívio social, tanto de indivíduo à indivíduo, como o existente entre um determinado habitante e as autoridades.

A experiência de se perceber esses movimentos dos pedestres, gera uma percepção mais apurada em relação ao encontro dos lugares que não estão puramente isolados, mas sim se conectam de um modo onde não é mais perceptível a delimitação territorial de seus limites. Bairros e cidades encontram-se em um grande estado de conurbação, “um aglomerado de localidades e pessoas”, que não se enquadram nas interpretações cartográficas clássicas, pois a cidade realmente não se apresenta conforme descrita nos mapas.

A prática da mobilidade suscita o fato da influência que o sujeito recebe das áreas da cidade nas quais transita, durante sua transposição dessas “barreiras invisíveis”, de que se compõem as atuais fronteiras do meio urbano, o que não mais o caracteriza ou identifica como sendo pertencente “ao centro ou à periferia”. Como exemplos, temos os movimentos da pichação, grafite, o rap, dentre outros, que se apropriam de territórios onde podem expressar sua identidade cultural mais amplamente. Esses modelos de intervenção denotam uma crítica ao sistema hegemônico implantado pelo capitalismo, por meio dos processos de desenvolvimento urbanísticos, que são traçados intencionalmente, visando criar “áreas periféricas”, a fim de produzir uma divisão, uma segregação destes locais em relação ao grande centro econômico da cidade. São criados assim, novos precedentes para se iniciar uma discussão acerca de mudanças nos projetos de fomento à estrutura de uma cidade mais igualitária. Nesse novo contexto, o sentido de uma periferia decaída e vulnerável é descaracterizado e passa a ser um território de grande expressão cultural, que transpassa os sistemas impostos pelo Estado, deixando de ser um local de pobreza e assumindo uma posição de participação política mais expressiva junto à sociedade.

Sob esse olhar, levanta-se a questão de posicionar-se politicamente no intuito de entender a interpretação da relação entre nós e os territórios aos quais levamos nossa contribuição enquanto sujeitos sociais. A partir das interações que surgem durante a ação de mobilidade dos indivíduos em busca de uma observação detalhada acerca dos comportamentos nesses espaços, é possível idealizar a contextualização de um panorama mais específico de análise no tocante às especificidades dos locais de socialização contemporâneos, abarcados em novas perspectivas políticas apresentadas sob uma ótica mais interacional, levando em conta as opiniões e vivências dos indivíduos, que não se encontram apenas como simples dados estatísticos, constituindo-se em um novo elemento de estudo, derivado das arcaicas percepções das zonas periféricas das metrópoles.

As práticas do cotidiano como objeto de estudo básico de pesquisa antropológica

As palavras-chave do estudo proposto por Michel de Certeau, de 1974 a 1978, resultaram na primeira edição de *A invenção do cotidiano* em 1980, experimentação e reapropriação, onde o filósofo e historiador francês agrupou e submeteu fragmentos que tiveram publicações em várias revistas de 1975 a 1979. Os pressupostos sobre as percepções relativas ao cotidiano tendem a provocar um rompimento com a ideia demarcada do sujeito como ponto central de análise e refazem a noção entre as conexões sociais que podem definir os indivíduos. Na análise de Certeau, este capta as singularidades do espaço onde estão organizados os coletivos que desse modo desempenham sua individualidade, buscando expressar suas multiplicidades em relação à sociedade, muitas vezes de forma paradoxal, obtidas com suas experiências sociais.

Partindo da premissa de que a partir das observações, desenvolvidas tanto no âmbito dos comportamentos como nas análises das formas de linguagem, podemos perceber as inúmeras possibilidades e influências sofridas ao longo dessas práticas que se fundem as interlocuções dos sujeitos que se harmonizam com o propósito de peculiaridades que produzam um grau efetivo de possível comunicação apesar dos ruídos. Durante atividades cotidianas como falar, comer, andar, ler, entre outras práticas, é que podemos fazer suposições e análises ao longo das percepções que vão surgindo no momento que nos propomos a observar os comportamentos e interações humanas nos espaços e entre si. Isso denota a enorme habilidade de demonstrar sua criatividade individual, no decurso de um diálogo, assim nos remetendo à análise realizada por Certeau, intitulada de *antidisciplina*, que conduz ao conceito de cautela, sobre os limites, das convenções dos prováveis estreitamentos que Foucault aperfeiçoou em *Vigiar e Punir* (1975). O conceito de cotidiano traz em seu cerne os mecanismos dos conjuntos de ações inerentes que por muitas vezes explicam melhor uma sociedade ou de um indivíduo. Por meio de pesquisadores que se dedicam aos estudos sobre as dinâmicas do dia a dia, o autor se desprende dos sentidos dessas experiências cotidianas que na maioria das vezes passam sem serem notadas, por exercerem um papel de simples ações de repetição. Imergir na obra *Invenção do cotidiano* nos leva a uma compreensão das “artes do fazer”, propiciando uma liberdade e produção criativa que são as bases da sociedade atual.

Os relatos de que se compõe essa obra pretendem narrar práticas comuns. Introduzi-las com as experiências particulares, as frequentações, as solidariedades e as lutas que organizam o espaço onde essas narrações vão abrindo um caminho, significará delimitar um campo. Com isso, será preciso igualmente uma “maneira de caminhar”, que pertence, aliás, às “maneiras de fazer” de que aqui se trata. Para ler e escrever a cultura ordinária, é mister reaprender operações comuns e fazer da análise uma variante de seu objeto (CERTEAU, 2008, p.35).

Conclusão

O modelo de cidade vem sofrendo constantes alterações ao longo do processo histórico de desenvolvimento das diferentes sociedades, marcadas por diferentes valores culturais, sistemas de pensamento, modos de interpretação da realidade, interesses e aspirações. É fato que os antropólogos possuem uma atração por descreverem as histórias humanas, a fim de exprimirem a representação das identidades sociológicas, analisando e descrevendo os movimentos das gêneses do convívio social e à medida que aprofundam estas práticas de estudo, com a ajuda de várias tecnologias, tornam possível a criação de um patrimônio imaterial, um mapeamento das mudanças e das discrepâncias ocorridas ao longo do desenvolvimento das cidades como objeto de representatividade da multiplicidade das interações do convívio dos sujeitos nas esferas sociais. Isto possibilita uma melhor compreensão desses cruzamentos territoriais que se fundem em um mesmo plano de observação e que se ramificam em duas correntes, a da análise próxima do cotidiano (oblíquo) e a do olhar distante, de uma perspectiva relacionada ao conceito de cidade-rede, programada (panorâmico). Por meio destes padrões de estudo do meio social, apoiados em conhecimentos das áreas antropológica e sociológica, chega-se a uma tentativa de esgotamento das imagens relacionadas ao cotidiano, dos fatos menos importantes, mas que devido a sua regularidade, concorrem para a realização de um quadro de análise das ações e deslocamentos dos indivíduos no contexto urbano. Por conta disso, os papéis do observador e do narrador social, tornam-se essenciais, ao desempenhar uma descrição o mais densa possível do espaço que os cerca, do ambiente dos acontecimentos, mesmo este sendo cortado por tantos ruídos.

Referencial teórico

ADERALDO, Guilherme. **Imagens do Insólito – Algumas notas sobre fronteiras, itinerâncias e abismos urbanos.** In: Niggaz – Graffiti, Memória e Juventude. NERI, Mauro (Org.). SP: Edições do Burro, 2016. Disponível em: <<https://www.academia.edu/31613845/Niggaz.pdf>>.

BELLAVANCE, Guy. **Proximidade e distância da cidade: a experiência da cidade e suas representações.** Interseções: revista de estudos interdisciplinares. Rio de Janeiro, v.1, n. 1, p. 67-86, 1999.

DE CERTEAU, Michel (1994 [1980]). **A invenção do cotidiano.** Vol 1. Artes de Fazer. Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

PEREC, Georges. **Tentativa de esgotamento de um local parisiense.** São Paulo: Editora Gustavo Gili, Ltda, 2016.

SIMMEL, Georg. **O estrangeiro e a cidade.** In: SILVANO, Filomena; **Antropologia do espaço.** Lisboa, Assírio & Alvim, 2010.